



## FESTA POPULAR, POLÍTICAS PÚBLICAS E INDÚSTRIA CULTURAL

Edil Silva Costa<sup>1</sup>

### RESUMO:

No contexto brasileiro, a imagem de povo alegre e festeiro é um dos símbolos escolhidos para representar a identidade (a unidade) e uniformizar valores e comportamentos. Em sua essência, o carnaval é um intervalo de relaxamento das tensões, pois no tempo da festa carnavalesca, as normas sociais ficam em suspenso. Apesar de ser a festa pública mais popular, no atual contexto, há a intervenção dos poderes públicos para estabelecer limites, por questões de segurança, saúde pública e interesses comerciais, pois a imagem da terra festiva é facilmente vendida. Discute-se a dimensão complexa que tomam os movimentos populares quando a administração pública passa a controlar o território festivo, a exemplo do carnaval de Salvador que perdeu seu formato de festa participativa, assumindo cada vez mais as feições de um grande espetáculo.

### 1. Festa: o ócio e o negócio

Identidade cultural é uma importante ferramenta para os poderes constituídos no reconhecimento de um povo e nação sob seu jugo e é, por isso mesmo, cuidadosamente forjada. No esforço para uniformizar valores e comportamentos, determinados símbolos são escolhidos como representação do modo de ser e dos “desejos” coletivos. No Brasil, desde o início da colonização, nos vários discursos visibilizados para explicar este país, percebe-se esse esforço para narrar uma história e criar uma imagem da população brasileira, amálgama de povos nativos

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade do Estado da Bahia/Campus II, Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP); membro do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística) e pesquisadora do NUTOPIA/UNEB (Núcleo das Tradições Oraís e do Patrimônio Imaterial das Matrizes Afro-indígenas). E-mail: escosta@uneb.br



**Anais**  
**V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil**

com estrangeiros europeus, africanos e asiáticos. Constrói-se um discurso que tenta explicar a nação, de acordo com valores que interessam e contribuam para a manutenção de uma certa ordem pré-estabelecida. A imagem de povo cordial, pacífico, alegre e festeiro é uma construção que corrobora com os interesses dominantes e até os dias atuais rende lucros.

Trabalho deveria opor-se a festa, assim como a ordem ao caos. No tempo da festa, as normas sociais ficam em suspenso. Festa está associada a riso, trabalho a siso. Mas, na lógica capitalista, essa equação deixou de ser verdadeira: o ócio virou negócio. Isso toma dimensões complexas quando os poderes públicos passam a controlar o território festivo. Nas representações visuais do Brasil Colônia, são comuns as imagens de festas protagonizadas por nativos ou escravos negros. Hoje, no cenário da festa popular oficializada, há a proliferação dos estereótipos.

As formas populares de festejar estão ligadas não só ao lazer, como também a questões religiosas e ciclos de trabalho. A festa popular constitui-se como uma das formas mais reveladoras do modo de ser de um grupo, pois é nesse espaço intervalar que ficam suspensas algumas normas sociais e outras são invertidas. Na Bahia, isso acontece tanto com as festas de largo, conhecidas por seu caráter sacro-profano, como o carnaval que nas últimas décadas, principalmente a partir do advento do trio elétrico, se transformou em um festival de música com intensa participação popular, de nativos e turistas.

Nessas festas, a cultura popular entrelaça-se com a indústria cultural, cultura do espetáculo. Como não poderia deixar de ser, essa relação altera suas formas de produção e recepção. A festa, em especial a festa pública, é um espaço que desperta interesse de observação por fugir ao controle do oficial, a princípio. Quando reduzidos a expressões folclóricas de uma minoria, o discurso dominante facilmente as traz para o centro, folclorizando e enfraquecendo, o



que ganhou força nas margens. Desse modo, até mesmo o carnaval, festa popular por excelência, termina por ser cooptado pelo poder. Detenho-me no carnaval e nas festas do verão, mas o mesmo pode ser pensado para outras: recentemente assistimos à promoção do São João, vendida como a maior festa popular nordestina. Embora na Bahia esteja mais restrito a cidades do interior do Estado, o governo federal, junto com os governos estaduais do Nordeste, empreendeu uma campanha publicitária para promover a “cultura popular nordestina” e atrair turistas no mês de junho. Essa estratégia é claramente uma tentativa de ampliar o fluxo turístico do verão. Outro exemplo, no Norte do país, é o Boi de Parintins, no Amazonas, espetáculo que, guardadas suas especificidades, assemelha-se com o desfile de escolas de samba do Rio de Janeiro e São Paulo. A festa de Parintins foi eleita na mídia o grande símbolo da cultura popular amazônica, se convertendo em um luxuoso e competitivo espetáculo.

Sobre isso não posso deixar de citar Mikhail Bakhtin (1999). O carnaval, segundo Bakhtin, “ignora toda distinção entre atores e espectadores” (1999,6). Quando se trata do carnaval de Salvador (como no desfiles de Escolas de Samba do Rio de Janeiro e São Paulo), o que chama a atenção é justamente o contrário: a enorme quantidade de camarotes e arquibancadas instaladas para acomodar nativos e turistas dispostos a assistir ao grande espetáculo é flagrante desta mudança de concepção. Nas festas de largo, assistimos ao aparecimento de espaços paralelos como o Bonfim Ligt<sup>2</sup>.

Os poderes públicos interferem na festa, regularizando, controlando, manipulado a massa e, associados à mídia, criam imagens que interessam para gerar riquezas. A desculpa para o

---

<sup>2</sup> Festa particular, que ocorre em espaço fechado, nas proximidades do local do cortejo da Lavagem do Bonfim, maior festa de largo e que antecede o Carnaval em Salvador. O mesmo vem acontecendo com a Lavagem de Itapuã e da Praia do Forte.



**Anais**  
**V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil**

controle estatal é geralmente a dimensão maior que atinge a festa. É preciso organizar para evitar um colapso. Mas, o que acontece com a festa popular, quando passa a ser regularizada pelo Estado? O mesmo que acontece com os discursos estereotipados, que servem aos interesses que estão por trás da festa em si.

Dentro da lógica capitalista, quando se paga, pode-se exigir tudo: saúde, segurança, conforto, horário marcado para a saída de blocos, arquibancadas para assistir (não mais participar) ao desfile, ou seja, a “organização” do evento. A idéia de bagunça deve ser refutada, vende-se a “descontração”. Na Bahia, a indústria do lazer vem dominando o carnaval. A participação estatal, cada vez mais forte, vem abafando os nichos festivos “desorganizados”, como a “Mudança do Garcia” (conta-se que a chamada “Mudança do Garcia” começou quando uma prostituta, moradora do Garcia, bairro próximo ao Campo Grande, Centro de Salvador, mudou-se. Sua saída do bairro foi comemorada e teve grande acompanhamento. No ano seguinte, os moradores teriam repetido o cortejo em memória do fato, o que acabou tomando contornos maiores. Assim, o evento passou a ser espaço para protestos, sátira e crítica social e até mesmo manifestações políticas no carnaval de Salvador, com a participação de intelectuais e políticos).

Nesse contexto, será que ainda se pode falar em festa popular, no sentido mais estrito do termo? A imagem do negro e do mestiço convivendo em paz e igualdade num país cordial continua sendo um importante fator de agregação de valores ao turismo no Estado. Como os sujeitos “vendidos” se colocam em relação a imagem?



## 2. Mikhail Bakhtin e a cultura popular

Bakhtin (1996, 51 e ss), ao analisar a obra de François Rabelais, situa a questão da festa na evolução ancestral da cultura popular e na história do riso e do carnaval, desde a Idade Média até o mundo moderno.

Segundo o autor, o carnaval é a segunda vida do povo, baseada no princípio do riso. No carnaval é a própria vida que representa e, por um certo tempo, o jogo se transforma em vida real. O sujeito, vivendo essa segunda vida, estabelece novas relações sociais verdadeiramente humanas com seus semelhantes, abolindo as diferenças hierárquicas. Ao contrário, as festas oficiais têm como função apenas consagrar e fortalecer o regime em vigor. As festas cívicas, por exemplo, pretendem ser uma demonstração de força, exibição de armamentos bélicos, coreografias bem ensaiadas de sujeitos treinados para obedecer rigorosamente ao regime vigente.



João Maurício Rugendas. *Lundu*

Viagem pitoresca através do Brasil (1822 a 1825)

Na vida carnavalesca, o mundo da cultura popular constrói-se como paródia da vida ordinária, o chamado “mundo às avessas”. Diferentemente da paródia moderna, a paródia popular não é puramente negativa, mas é também regeneradora.

Segundo Bakhtin, o riso tem um profundo valor de concepção do mundo e da verdade:

É um ponto de vista particular e universal sobre o mundo, que percebe de forma diferente, embora não menos importante (talvez mais) do que o sério; por isso a grande literatura deve admiti-lo da mesma forma que o sério: somente o riso; com efeito, pode ter acesso a certos aspectos extremamente importantes do mundo.

Assim, para a teoria do riso do Renascimento, o riso tem uma significação positiva, regeneradora e criadora, bem diferente da concepção de Bérghson (1987) e das teorias posteriores.



Na cultura clássica, o sério é o oficial, mas nessa seriedade há o medo e a intimidação, que dominavam na Idade Média. O riso desafia essa ordem pré-estabelecida e pressupõe-se que o medo foi dominado. Jamais o poder e a autoridade empregam a linguagem do riso (BERGSON: 1987, 78), mas tudo o que é temível torna-se cômico.

O riso e sua verdade degradam o poder, mas o riso é uma forma interior que não pode ser substituída pelo sério, sob pena de destruir e desnaturalizar a verdade relevada por ele. Por isso não pode torna-se inteiramente oficial. O verdadeiro riso, ambivalente e universal, não recusa o sério, ele o purifica e completa.

Os poderosos podem sempre usar a força para se manter no poder, mas não o riso. O riso da tirania é um riso falso, não regenerador. Para empreender as mudanças necessárias, desafiando o poder, o riso e a concepção carnavalesca da vida, recuperando o que diz Bakhtin, devem ser como os anteriores à concepção moderna, verdade que degrada o poder e que não pode nunca tornar-se inteiramente oficial.

### **3. A tirania da alegria**

No circuito oficial do carnaval de Salvador, só existe espaço para os blocos de trio, os quais agregam os foliões selecionados, oferecendo-lhes “conforto e segurança”. A população pobre e a classe média (“gente bonita”, principal ator do carnaval de blocos) servem de sustentação a essa imagem construída. A igualdade, característica da festa e niveladora das camadas sociais, é brutalmente descartada. Cada um sabe o seu lugar e o seu papel. Quando a festa passa a ser controlada pelo Estado e servir aos seus interesses, perde a marca da igualdade e torna-se assim um bom negócio. A festa “gera emprego e renda” aos pobres, os que ficam com

as migalhas (cordeiros<sup>3</sup> e os catadores de latinhas); mas também para a classe média, que explora sua mão de obra.



Imagens de uma terra  
festiva: Zé Carioca



### *CarnÁfrica*

Decoração do carnaval de Salvador, 2002

---

<sup>3</sup> Sobre isso, ver o documentário independente “Cordeiros”, de Amaranta César e Ana Rosa Marques. 2006, 36 min.



Festa da Irmandade da Boa Morte

Na Bahia, convencionou-se dizer que o ano só começa após o carnaval. Isso nos lembra as festas medievais que duravam três meses. O verão é uma festa: outra imagem que vem a reboque e que, na verdade, amplia o conceito de festa. O carnaval é um ciclo de festas populares, iniciado com uma série de festejos sacro-profanos, as tradicionais lavagens de igrejas (sacro), acompanhadas (ao mesmo tempo) por festejos de rua (profano), que servem de preparação e também válvulas de escape para a culminância do carnaval, além de prolongá-lo por cerca de três meses.

Vivemos a tirania da alegria. O imperativo da frase “Sorria, você está na Bahia” revela claramente essa dimensão da festa. Na propaganda oficial, a Bahia é um estado de espírito e Salvador, a capital da alegria. O mais perverso dessa história é a forma como a alegria obrigatória é vendida. O povo sofrido e socialmente massacrado usa a máscara da alegria, reforçando, inclusive, o poder dos governantes. A mídia bombardeia de informações e tentações,



determinando a obrigatoriedade de ser feliz. Na terra da alegria e da felicidade, é proibido ficar triste. A tristeza é um incômodo. Embora a luminosidade e o clima solar sejam um fato, a natureza condicionando o estado de espírito também seria?

Essa concepção repousa sobre as bases românticas arraigadas na nossa cultura, que exercem um forte poder sobre o imaginário da festa e da alegria. Na estética romântica, o estado de espírito do sujeito é projetado no exterior, no ambiente. Assim, se o sujeito romântico está triste, chove, o dia é nebuloso; se alegre, o ambiente compartilha com ele essa alegria. Ainda no século XIX, as teorias científicas e o determinismo que faziam crer que o homem era produto do meio terminaram por reforçar essa concepção. Desse modo, nas bases da formação da identidade brasileira, as máscaras são moldadas e fixadas às caras.

As ações são orquestradas para reforçar a imagem da alegria, da cordialidade, da sensualidade e dos padrões pré-determinados de comportamento. Na festa oficial, tudo é padronizado. Até mesmo as danças deixam de ser criativas: sai a espontaneidade do corpo e entram as coreografias uniformizadas, limitando a liberdade de criar.

A maior festa popular do planeta, conhecida pela não-separação de classes, termina por ser justamente o contrário. A presença cada vez maior de camarotes acentua a distância entre o povo e a elite. A transladação da festa do centro para a orla, em bairros como Barra e Ondina, onde se concentram os melhores hotéis e há presença em massa de turistas, incentiva a montagem de camarotes. O desfile de artistas e celebridades nesse palco iluminado, e o conseqüente esvaziamento do centro e espaços tradicionais da folia de rua nas décadas de 70 e 80, como a Avenida Sete e a Praça Castro Alves, tem sido a principal transformação do carnaval baiano nos últimos anos.



Por outro lado, é claro que sempre são encontradas brechas, fissuras do sistema que terminam por permitir a construção dos espaços marginais não totalmente reprimíveis. Assim, esse deslocamento para a orla pode possibilitar a reocupação (e creio que isso já começou) desses espaços tradicionais pelos “foliões-pipoca”, indesejados nos novos circuitos e expulsos do Campo Grande pelos camarotes e arquibancadas. Esse movimento revela a população das bordas, fazendo cair por terra a propagada democratização dos espaços durante a folia, e pode resultar na forte retomada do carnaval popular, nas margens do sistema oficial. Isso confirma que sempre haverá um lado de fora, um grupo excluído a submergir. Assim, talvez, pode-se vir a recuperar os carnavais populares, com a participação massiva, ainda que a segregação continue. Claro que sempre houve segregação, e o Estado não precisava interferir nisso. O fato é que vender a democracia racial também se tornou um bom negócio para a indústria do entretenimento e do turismo na Bahia.

O discurso da mestiçagem é o politicamente correto e o que deve ser evidenciado pela elite. Um bom exemplo disso foi o carnaval de Salvador em 2004: o lema da rede de televisão do grupo oligárquico local foi “Pode misturar!”. Olhando mais de perto, percebe-se que a mestiçagem no carnaval é a possibilidade de mistura que acentua as diferenças.

A separação de classes e o mito da democracia racial/social exercem um encantamento. A paixão pelo diferente, o ex-ótico, que faz parte de nós desde a representação icônica e verbal da Primeira Missa, hoje é evidenciada pelo carnaval. Na descrição de Caminha, os nativos imitaram os passos do ritual, porque estariam inclinados a aceitar a Fé Católica. Esse discurso vem sendo repetido ao longo dos tempos e de nossa história e alimenta a uniformização cultural e a separação de classes.



É confortável para ambas as partes pensar que essa aproximação é real e que a mistura é possível. A classe superior se vê generosa por permitir a aproximação; a classe desfavorecida deleita-se com o contato com seres “especiais”, com o mundo glamuroso, vivendo a vida do outro, só por respirar o mesmo ar. Artistas e celebridades desfilam (com cachês bem pagos) pelos palcos da folia, atraindo a atenção de curiosos.

#### **4. A festa popular e a festa pra pular**

A indústria do lazer no carnaval baiano está cada vez mais centralizada. O monopólio dos grandes blocos, grupos que exploram os camarotes, deixa o resto do resto para os pequenos comerciantes, o ambulante e o catador de latinhas, que ainda devem mostrar-se satisfeitos com os poderes públicos por aumentar a sua parca receita com as migalhas dos ricos.

Na esteira do carnaval, a música baiana é outro forte instrumento mercadológico. A escolha da melhor música, do melhor bloco etc. converte-se em concursos que, certamente, resultam em retorno financeiro para os grupos oligárquicos.

O negro deixou de ser escravo para ser atração exótica e vulgar nos palcos. As principais atrações internacionais são os blocos afros e os afoxés: Ilê, Olodum, Filhos de Gandhy. Os artistas populares são vendedores de diversão para o bel prazer dos turistas: a música, a dança, o futebol, escolas de samba cariocas, tudo o que envolve prazer e sensualidade. Torna-se outra forma de venda, de prostituição que envolve mulheres e homens negros e mestiços.

A uniformização das danças coreografadas que, como foi dito, elimina a liberdade de criar, indica que, na festa da carne, até o corpo deve ser domado. A eleição do Rei Momo, da rainha, das princesas do carnaval, trio que une o grotesco e o belo, também passa pelo crivo da



ordem vigente. O Momo tornou-se problema de saúde pública. Não se pode mais eleger um obeso ao extremo para receber as chaves da cidade, para não se correr o risco do Rei morrer em plena avenida. No caso de Clarindo Silva<sup>4</sup>, foi dito que a alegria e a notoriedade foi o critério. Mas quem definiu esse critério? A polêmica eleição de Clarindo deixou claro que outros interesses podem suplantar a tradição, mas não sem o protesto popular.

Figuras como Jorge Amado, Dorival Caymmi e Clarindo Silva, personagens e personalidades, estão compondo o cenário da festa. O tema do carnaval 2004 foi “Viva o povo brasileiro!”, e João Ubaldo Ribeiro, o grande homenageado. Em anos anteriores, da mesma forma, estiveram na berlinda Jorge Amado, os Doces Bárbaros Caetano Veloso, Maria Bethânia, Gal Costa e Gilberto Gil (2001), a África (2002) e Baianas de Acarajé (2003).

Desse modo, a cultura popular é vendida como folclore. Os órgãos públicos inventaram a “tradicional” Caminhada Axé<sup>5</sup>, chamada de “Abertura oficial do verão baiano”. Anos seguidos, grupos folclóricos, a maioria do interior do Estado, desfilaram do bairro de Ondina ao Farol da Barra para mostrar a diversidade de nossa cultura popular.

Não sem propósito, uma série de programas produzidos pela TVE (TV Educativa da Bahia) e o IRDEB (Instituto de Rádio Difusão do Estado da Bahia) foi intitulada “Bahia, singular e plural”. Dirigida pelo jornalista Josias Pires, a série de documentários tem caráter educativo e visa registrar, difundir e valorizar a cultura popular no Estado. Grupos folclóricos, festas populares, manifestações de comunidades de várias regiões do Estado foram registradas nessa belíssima série, apresentada em rede nacional. Além dos documentários em vídeo, foram

---

<sup>4</sup> Clarindo Silva, apesar de ter apenas 60 quilos, foi eleito o rei momo do carnaval de 2008. Ele é um conhecido comerciante do Centro Histórico de Salvador, dono do restaurante “Cantina da Lua”.

<sup>5</sup> Evento organizado pela Secretaria de Cultura e Fundação Cultural do Estado da Bahia, com a participação de grupos de cultura popular, selecionados em todo o Estado.



produzidos CDs, ambos comercializados. De acordo com o título, o projeto quer mostrar a diversidade que singulariza o Estado através de sua cultura popular.

O governo baiano investe largamente na propaganda que vende o Estado como o ponto mais atrativo do país, seja para o turista brasileiro ou para o estrangeiro. Preços convidativos, cultura popular, mas também praias e belas mulheres servem de isca para turistas (DIAS FILHO & SARDENBERG: 1998).

A “Caminhada Axé” é um exemplo claro da imagem que se quer vender do Estado. Artistas populares de vários municípios do interior eram levados a participar da parada que atraía inúmeros e cativos admiradores. Com a mudança de governo e da linha de administração da cultura no Estado, a Caminhada deixou de existir, mas no período em que foi realizada serviu como amostra do exótico, aperitivo para as festas populares do verão, preparatórias para quem quer pular atrás do trio elétrico.

A riqueza cultural do Estado é facilmente visível nesses empreendimentos, que também podem servir para a veiculação de estereótipos. O que ocorre quando há a folclorização da cultura popular, uma apropriação da cultura popular pela cultura de massa, nesse caso, reduzindo-as à função de folclore para turismo. Isso mostra que o poder não se exerce simplesmente pela força material. Só se exerce o poder se se recorre a meios simbólicos e ao imaginário (BALANDIER: 1997, 92). É este que o sustenta e o completa. Se antes a cultura tradicional se bastava, hoje é a mídia, através de uma poderosa proliferação de novas imagens, que exerce esse poder.

## **5. Uma festa cívica, religiosa e popular**



**Anais**  
**V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil**

A festa cívica, como disse, é por excelência expressão do oficial. Porém, na Bahia, outra festa chama a atenção por unir civismo e participação popular: a festa do Dois de Julho, dia da Independência da Bahia. Esta merece um estudo muito mais aprofundado, mas por ora farei apenas um parêntesis para comentário.

Muito diferente do Sete de Setembro (independência do Brasil) e do Quinze de Novembro (Proclamação da República), no Dois de Julho a rigidez do oficial divide espaço com o lúdico. A comemoração da Independência, vitória dos brasileiros sobre portugueses, acentua a participação dos índios aliados na expulsão dos colonizadores. Por essa razão, o grande herói da festa é o Caboclo. Na carroça enfeitada com as cores verde e amarelo, figuram o Caboclo e a Cabocla, personagens anônimos, trajados como nativos, mas com as roupas da mesma cor para representar a brasilidade. O nativo, enquanto aliado, domesticado, torna-se herói. Por esse caráter popular, tornou-se ao longo dos anos um espaço de manifestações políticas e protestos, com a participação de políticos e membros sindicais.

Essa festa é marcada também pela intensa participação popular. Os moradores enfeitam as fachadas das casas no trajeto do cortejo. Usam toalhas rendadas, flores, bandeiras, tudo para alegrar e saudar os passantes. Esse gesto é incentivado pela prefeitura que promove um concurso, premiando a casa vencedora com uma pintura nova.

Outra manifestação curiosa é a participação de adeptos do candomblé que cultuam os caboclos em templos afro-brasileiros. O candomblé de caboclo cultua os chamados donos da terra. Também representam a mistura de pajelanças ou rituais indígenas com o culto dos negros. Os fiéis depositam oferendas e fazem rituais aos pés das estátuas que ficam em exposição na Praça Dois de Julho (ou melhor, no Campo Grande, como é mais conhecida). A data também é dia de festa em muitos terreiros, em homenagem aos caboclos das matas.



Assim, a festa cívica mescla religiosidade e ludicidade. Nesse caso também, paralela à festa oficial, há a outra – que muitas vezes se sobrepõe à primeira – popular e anônima. Mas é justamente a festa não oficial que dá força e beleza às comemorações cívicas. Tudo isso nos dá uma amostra da dimensão complexa das manifestações populares.

## **6. Rasuras, cesuras e costuras**

Não se pode deixar de lado as conexões do discurso oficial, com o lúdico e o religioso para o entendimento da festa na cultura brasileira, e a construção dos estereótipos a elas relacionados. Tudo isso nos revela muito das relações de poder na sociedade brasileira, suas cisões e costuras.

A idéia de povo alegre é bastante generalizada. A colocação pode ser aparentemente simpática, ainda associada à idéia paradisíaca e à festa (carnaval, samba e futebol), mas a discriminação se faz presente e merece ser questionada.

Somos um país de analfabetos e semi-analfabetos, com a escola pública oferecendo os piores serviços à população, os órgãos formadores de opinião agindo de forma medíocre e sem o compromisso de munir criticamente o cidadão, pois a maioria esteve sempre ligada a oligarquias e defendendo seus interesses. Diante desse quadro, não se pode esperar que as formulações de reação contrária à ordem pré-estabelecida (e reforçadas historicamente pela repetição de situações que exploram o cidadão e fazem crer que esta é a ordem natural das coisas) fossem feitas de forma que não a carnalizadas.



Como venho tentando demonstrar, o espaço da festa, no seu caráter orgânico, pode ser o território propício para importantes avanços sociais, para as rasuras no discurso da homogeneização e para a experimentação de formas libertárias. Ao mesmo tempo, o brasileiro parece não ter a capacidade de se indignar e reagir. Em sua indiferença, cultua a imagem do sujeito de bem com a vida.

## Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no renascimento; o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.
- BALANDIER, Georges. *A desordem; elogio do movimento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- BERGSON. O riso; ensaio sobre a significação do cômico. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- BHABHA, Homi. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2003.
- DaMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DIAS FILHO, Antonio Jonas e SARDENBERG, Cecília. *O que é que a Bahia tem; o outro lado do turismo em Salvador*. CHAME/NEIM/UFBA, 1998.
- FERREIRA, Jerusa Pires. “Quero que vá tudo pro inferno”; cultura popular e indústria cultural. In: *Comunicação e sociedade; Revista Semestral de Estudos de Comunicação*. São Paulo: Instituto Metodista de Ensino Superior, ano VII, n.13, jun./1985 . pp.5-13.
- GEERTZ, Clifford. O impacto do conceito de cultura sobre o conceito de Homem. In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.
- GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.



**Anais**  
**V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil**

- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- HOBSBAWN, Erich. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, s.d.
- SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999.